

REIVINDICAÇÃO. Estudantes e funcionários cobram investimentos na educação pública de nível superior

Protesto contra a Copa do Mundo fecha a Ufal

Manifestantes denunciam gastos milionários e desvio de recursos

MAURÍCIO GONÇALVES
REPÓRTER

Estudantes e funcionários da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) aderiram ao Dia de Luta Contra as Injustiças da Copa e fecharam os portões do campus universitário de Maceió, ontem pela manhã. Seguindo o mote da campanha que tomou conta das principais cidades do país, os manifestantes denunciam os gastos milionários, a corrupção e o desvio de recursos públicos em detrimento da falta de recursos para setores

essenciais, como, no caso deles, a educação pública de nível superior.

O Sindicato dos Trabalhadores da Ufal (Sintufal) deu ênfase à greve da categoria. "Nós estamos mobilizados aqui para dar visibilidade à nossa greve que já dura 60 dias e o governo Dilma não nos recebe", reclama a diretora de Administração e Finanças do Sintufal, Nadja Lopes.

Segundo Nadja, os funcionários de instituições federais de ensino superior de todo o país tentam negociar há 1 ano e 8 meses, já tiveram 32 reuniões com o governo e não aguentam mais esperar. "Depois de tudo isso, eles ainda pediram mais quinze dias para decidir", reclama. "Na última negociação em 2012, o governo

impôs um reajuste de 15% para ser dividido em 2013, 2014 e 2015. Isso é menos do que a inflação do período, a nossa principal reivindicação é antecipar a parcela de 5% do ano que vem para 2014", completa Nadja.

A categoria também luta pela paridade entre os salários dos aposentados e dos ativos e pela implantação de uma data-ba-

;

Pauta

Enquanto técnicos da Ufal abordaram a greve da categoria, os estudantes deram ênfase maior ao Dia de Luta contra as Injustiças da Copa e à pauta de assistência estudantil



Manifestantes fecharam os portões do campus universitário de Maceió e aulas foram suspensas

se. "Sem data-base, a gente só tem reajuste se fizer greve", explica a sindicalista. Os manifestantes disseram que também protestam porque o reitor da Ufal, professor Eurico Lôbo, e diretores de unidades se recusaram a discutir uma moção de apoio à greve. "Inclusive, durante a última reunião do Conselho Universitário, alguns conselheiros queriam propor ação na Justiça contra a nossa greve".

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) deu uma ênfase maior ao Dia de Luta contra as Injusti-

ças da Copa e à pauta de assistência estudantil.

"Queremos que a reitoria abra o novo Restaurante Universitário (RU), mas eles usam várias desculpas e adiam. A gente defende que todos os estudantes tenham o direito de comer no RU, que o almoço seja livre para todos, mas hoje só é autorizado para bolsistas ou quem passa por um concurso interno para provar que não tem uma boa renda", explica o diretor do DCE, Wibsson Ribeiro.

O alto índice de assaltos e de outros casos de vi-

olência, inclusive estupros, dentro do campus está no centro de uma polêmica. A decisão do reitor de pedir apoio da Polícia Militar (PM) para atuar dentro da Universidade provocou uma reação contrária do DCE.

"Queremos mais segurança, mas defendemos que haja uma guarda civil universitária, não concordamos que a PM seja a solução porque ela é um órgão externo, voltado à repressão, que fere a autonomia universitária", reclama o diretor do DCE, Wibsson Ribeiro. ■